

Carta dos Editores

As variedades do Capitalismo contemporâneo e suas características relacionadas ao desenvolvimento e inovação é tema central do volume dois da Revista Desenvolvimento em Debate. Os artigos escolhidos trazem perspectivas diferenciadas sobre o papel do Estado Desenvolvimentista na conquista de posições importantes como a liderança de determinados setores da economia internacional. Aquele que parecia aniquilado nas discussões após o Consenso de Washington, ressurge como elemento diferenciador e indutor de desenvolvimento. O Estado Desenvolvimentista não só não desaparecera da práxis dos Estados contemporâneos, mas também é ele o grande vetor de conquistas importantes para as sociedades e destaque no incentivo ao desdobramento de vários campos de conhecimento. Os BIC – Brasil, Índia e China- ganham destaque neste momento como alternativa para os padrões convencionais de desenvolvimento baseados em combustíveis fósseis e afloram como países com aspectos de sustentabilidades importantes e de economias com traços de “esverdeamento” consistentes.

No primeiro artigo desta coletânea, Linda Weiss faz uma análise do papel do Estado no controle do mercado e discute o papel do Estado Desenvolvimentista nos países do Nordeste da Ásia, e no Estado dito neoliberal, os EUA. A autora desmistifica o discurso estadunidense de economia neoliberal e mostra como a visão de segurança nacional ampla, não associada somente à defesa, é fator fundamental do papel do Estado para o desenvolvimento e inovação naquele país, colocando-o na liderança mundial em uma série de setores econômicos. Weiss destaca o que seria o Estado Híbrido nos EUA e ilustra como que a crise de 2008 tem destacado o papel do Estado, tanto como regulador, quanto como indutor de práticas em energia mais limpa. Mostra pelo menos três lições da crise financeira, uma delas em especial, o descrédito em relação ao modelo estadunidense associada ao *laissez-fair* do sistema financeiro que causara um enorme dano, tanto no ponto de vista nacional como internacional. Relata o papel fundamental da governança do conhecimento por parte do Estado Desenvolvimentista como um ativismo de Estado associado à inovação e à liderança em setores de tecnologia avançada associando parcerias público-privadas para o avanço de setores específicos. Comparando a estrutura industrial brasileira com a da Austrália, país que se aproveita do *boom* da China na demanda de commodities,

perdendo competitividade e se contaminando com a “doença holandesa”, a autora expõe a necessidade de mudança e sugere uma abordagem proativa no estímulo à inovação.

Logo em seguida John Mathews trata do desenvolvimento com foco no uso de fontes energéticas convencionais e não convencionais. Para o autor, o modelo de industrialização dos países desenvolvidos que se apodera de recursos e expande linhas de suprimento por meio de conquista armada não está disponível para os BIC. Do mesmo modo, estes países também não podem se tornar dependentes dos combustíveis fósseis, mesmo que o suprimento destes cresça, pois as emissões de carbono se acumulam. Um novo modelo de capitalismo industrial teria de ser desenvolvido, e este, em sua opinião, está sendo feito pela China, à medida que ela forja novos arranjos institucionais e novas estratégias de industrialização, baseadas em energias renováveis, tecnologias de baixa emissão de carbono, iniciativas de economia circular- ao invés da linear-, e em ecofinanças. Essas novas estratégias e instituições – na verdade, um novo modelo verde de capitalismo industrial – estão sendo forjadas enquanto a China também aumenta sua energia fóssil e demanda por suprimentos. Esse modelo verde de desenvolvimento, que envolve estabilidade, resiliência e segurança, ofereceria um atraente modelo para outros países, em particular para o Brasil e a Índia, que já deram início a uma mudança com relação a uma estratégia de desenvolvimento verde. A pergunta não respondida ainda é se eles irão sucumbir ao “lock-in de carbono”, como seus predecessores ocidentais. Contesta o PIB como indicador que só serviria para economia linear e propõe ainda um “climate bonds” de um bilhão de Dólares emitido nas principais bolsas do mundo para financiar no Brasil fontes renováveis de energia. Acredita ainda no uso de conceitos abandonados com o Rosenstein-Rodan (1943) do Grande Impulso que poderia acontecer com o Desenvolvimento Verde.

No terceiro artigo, a turca Isik Ozel traça paralelos entre a evolução das economias turca e brasileira em período recente e aponta semelhanças entre ambas. Examina como estas economias evoluíram para uma forma híbrida marcada por características não neoliberais, explorando a dinâmica de continuidade e mudança em termos de configurações institucionais. A autora analisa algumas das principais tensões entre as instituições antigas e novas na economia de mercado emergente, que atingiu níveis notáveis de crescimento na última década, mesmo no contexto do curso de crise global. Estabelece comparações entre a Turquia e o Brasil na transição do desenvolvimento liderado pelo Estado e os processos paralelos de abertura de mercado. Comparada com o seu homólogo brasileiro, a economia de mercado turca é mais próxima de economias de mercado patrimoniais e estatista, mais do que os liberais, e que constantemente passa por processos de institucionalização e “desinstitucionalização”.

No último artigo, Liliane Acero e Diogo Antunes fecham o número da DD apresentando os principais resultados do seminário “As Pesquisas e Terapias com Células-Tronco - o Estado da Arte Internacional e no Brasil” realizado no Instituto de

Economia daUFRJ. O seminário reuniu cientistas, reguladores e representantes da sociedade civil em geral para a discussão das tendências nacionais e internacionais das pesquisas com células-tronco (PCT). Além dos aspectos éticos e regulatórios das terapias celulares associadas no Brasil, os incentivos institucionais para estas pesquisas no país e a relação entre a sociedade civil, a ciência, a medicina e as políticas públicas do campo também foram discutidas. A nova genética é um tema complexo, pois envolve múltiplas dimensões inter-relacionadas. É ao mesmo tempo um campo de conhecimento científico e médico, um vetor de novas terapias e medicinas, uma oportunidade econômica inovadora, um espaço de novas instituições, um locus de produção, disputa e conflitos culturais, políticos e bioéticos, e um fator que contribui à transformação da sociedade. Assim sendo, se fazem necessárias novas formas de governança nacionais e internacionais que atuem no sentido de negociar conflitos e definir estratégias comuns entre essas dimensões, assim como maximizar os benefícios para a sociedade.

Este novo ciclo de artigos apresentado na DD, portanto, pretende discutir as variedades de opções econômicas e desmistificar antigas questões que hoje se colocam como elementos chaves para o desenvolvimento sustentado de países emergentes como o Brasil.

A revista DD, é uma publicação seriada quadrimestral com o objetivo de divulgar trabalhos científicos originais da área de conhecimento interativa entre as Ciências Humanas, Sociais e Ambientais. Esperamos que este número possa continuar contribuindo para produção científica, incrementando reflexão brasileira em área interdisciplinar, na qual estão poucos os periódicos editados no país.

Os Editores